

caderno de retorno

O marxismo ainda é útil?**Is Marxism still useful?****Leonardo Figueiredo de Souza¹**

¹ Universidade Federal do Pará, Faculdade de Ciências Sociais, São João da Ponta, Pará, Brasil. E-mail: leof.amazonia@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8789-127X>.

Marlon Kauã Silva Cardoso²

² Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Igarapé-Açú, Pará, Brasil. E-mail: marlonka.mk@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2019-5119>.

Submetido em 10/04/2022.
Aceito em 13/05/2022.
Pré-Publicação em 27/06/2022.

Como citar este trabalho

SOUZA, Leonardo Figueiredo de; CARDOSO, Marlon Kauã Silva. O marxismo ainda é útil?. *InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais*, v. 9, n. 1, jan./jun. 2023, Brasília, p. 663-670.

insurgência

InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais | v. 9 | n. 1 | jan./jun. 2023 | Brasília | PPGDH/UnB | IPDMS
ISSN 2447-6684



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons 4.0.
Este trabajo es licenciado bajo una Licencia Creative Commons 4.0.
This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0.

O marxismo ainda é útil?

BETTO, Frei. *O marxismo ainda é útil?* São Paulo: Cortez, 2019.



A partir de uma escrita acessível, encenando diálogos em uma sala de aula entre professor e alunos, Frei Betto se propõe a alcançar estudantes e militantes de movimentos sociais com o livro “O marxismo ainda é útil?”, publicado em 2019, dividido em 11 seções. O livro surge como uma importante ferramenta de defesa não só da escola de pensamento inaugurada por Karl Marx e Friedrich Engels, conhecida como marxismo, mas como uma defesa da própria ciência, uma vez que Marx é um autor importante em diversas áreas, mas, principalmente, para a Sociologia e para a Economia, onde é considerado um clássico. No ano de 2019, Jair Messias Bolsonaro assumiu o cargo de Presidente da República do Brasil, e carregou consigo durante a campanha, entre muitas bandeiras, a luta contra o comunismo e o ataque ao marxismo nas escolas, o que impulsionou Betto a publicar uma nova versão de seu escrito de 1985, cuja o nome era Organização Social e Política Brasileira (OSPB) – Introdução à prática política Brasileira.

No primeiro capítulo, “o marxismo não é mais útil”, diante dos setores mais conservadores e em alguns casos até reacionários da Igreja Católica – instituição a qual este autor tem utilizado ao longo da sua vida como ferramenta de contribuição para a transformação social – que reduz o marxismo às experiências stalinista e maoísta e, portanto, sem utilidade. Frei Betto explica que reduzir o marxismo às atrocidades cometidas em seu nome é como identificar o catolicismo com a inquisição, e que assim como para entender o cristianismo precisava-se voltar ao evangelho e à Jesus e, para entender o catolicismo precisava-se voltar à São Francisco de Assis, para entender o marxismo, precisava-se e precisa-se voltar à Marx.

Ainda em tom de crítica a estes setores da Igreja Católica, Betto diz que “a religião não é um método de análise da realidade, e que o marxismo não é uma religião” (p. 18). Aponta ainda que a Igreja Católica é conivente com o capitalismo. Além disso, que o marxismo, com o socialismo, e o catolicismo com a eucaristia, convergem no seguinte ponto: a possibilidade de existência de mundo em que as pessoas poderão partilhar dos bens da terra e os frutos do trabalho.

Dito isto, Betto começa a apresentar ao leitor o porquê o marxismo é útil. Nos capítulos “como a sociedade aparece aos nossos olhos” e “como funciona a sociedade”, aponta que assim como precisa da ciência para se compreender fatores naturais, biológicos etc. precisa-se da ciência para se compreender a sociedade e possibilitar a desnaturalização daquilo que se vê no cotidiano social. E uma das formas para se compreender a realidade é através do materialismo histórico dialético desenvolvido por Karl Marx e Friedrich Engels (2007) e pela sua respectiva tradição de pensamento – marxismo – que frei Betto não cita no livro, mas é possível perceber reminiscências no decorrer do texto.

Betto explica que os primeiros seres humanos que viviam na terra viviam do extrativismo, não produziam aquilo que necessitavam para sobreviver, mas que devido à escassez passaram a cultivar a terra, a criar animais, e através do trabalho passaram a transformar a natureza e produzir os bens necessários para sua existência.

O autor aponta que através do trabalho, homens e mulheres estabelecem entre si, relações sociais. Esta categoria (trabalho) é fundamental no marxismo. Nas palavras de Karl Marx (2007), o trabalho é uma atividade exclusivamente humana. Ela produz as condições materiais de existência e reprodução da sociedade, mediante a transformação de matérias naturais em produtos que atendem às necessidades de mulheres e homens, como também aponta a interpretação de Netto (2012).

Todavia, ao longo da história, a humanidade encontrou várias maneiras de produzir bens para sobreviver, e nessas várias formas, conhecidas como modos de produção, houve uma relação diferente de trabalho e de apropriação dos produtos deste.

Betto, provavelmente a partir da obra “Manifesto do partido comunista” de Marx e Engels (2010), aponta que as grandes mudanças na história da sociedade ocorreram através das lutas de classes e quando as pessoas mudaram o modo de produzir os bens materiais necessários a vida. Aponta também que na história da humanidade existiram e existem diversos modos de produção, a saber: o Primitivo, o Escravista, o Asiático, o Feudal, o Capitalista e o Socialista. A respeito disso, no quinto capítulo o autor trata do modo de produção primitivo, onde as tribos deixam de ser nômades e passam a se fixar em um só lugar, pois haviam descoberto a agricultura e a pecuária, todos trabalhavam e produziam o indispensável para viver, não havia desigualdade. Constitui-se, nesse momento, o início da propriedade primitiva que Engels (2017), por exemplo, trata em sua obra “A origem da família, da propriedade privada e do Estado”.

A desigualdade, diz o autor, começa quando na comunidade primitiva, se estabelece a divisão entre famílias proprietárias e não proprietárias, germinando, portanto, as

classes sociais. A luta de classes, se inicia quando estes proprietários procuram aumentar suas posses impedindo que os demais tenham bens e ameacem as propriedades dos mais ricos. O autor exemplifica isso nos capítulos que se seguem.

No capítulo “o modo de produção escravista”, que predominou na Grécia de antes de Cristo, no Império Romano do tempo de Cristo, e no Brasil no século XVI á XIX, surgiu quando o processo de produção já tinha condições de gerar o excedente. Nesta sociedade, a divisão de classes era entre os senhores e os escravos que eram explorados pelos senhores. O escravo não era dono de si próprio, era posse dos senhores, assim como as terras, os gados, (meios de produção) e do produto do trabalho. O modo de produção escravista ruiu, entre muitos aspectos, pelo fato de que com ele não existia desenvolvimento das forças produtivas.

O modo de produção asiático tratado no sétimo capítulo, predominou na China, na Índia, em países da Europa antes de cristo e entre os incas do Peru e em países africanos do século XIX. Nestes modos de produção não há propriedade privada, é o Estado quem controla as relações de produção. Este modelo de sociedade é bastante hierarquizado no que se refere as classes sociais. Nela haviam o camponês, que era obrigado a entregar ao Estado o excedente daquilo que produzia, e os escravos que trabalhavam forçadamente. Segundo Betto, o que fez ruir esse modo de produção, foi a apropriação da terra pelas famílias nobres, iniciando o modo de Produção Feudal.

No oitavo capítulo, Betto trata desse modo de produção feudal. Nesta sociedade, as classes sociais eram divididas entre: os senhores feudais, vassallos, mestres das corporações, aprendizes, companheiros e os servos. Os senhores feudais – detentores do poder econômico e poder político (este último compartilhado com a igreja católica) – eram os donos de terras, castelos, plantações de gados, estradas e pontes e sob o pretexto de dar proteção aos servos mandavam neles. Os servos, não eram como os escravos, configuravam-se donos de suas vidas e trabalhavam na terra para si. Porém, viviam em terras cedidas pelos senhores feudais em suas “propriedades”, em troca, eram obrigados a entregar parte de sua produção para os senhores feudais, além de servirem como defensores do feudo em caso de guerras. Entretanto, segundo Betto, com o desenvolvimento das forças produtivas, marcado principalmente pela criação de máquinas como o tear, e das relações comerciais entre os feudos que ocorria quando os servos iam aos burgos trocar o que produziam por aquilo que não produziam, a sociedade feudal foi se desmoronando.

No nono capítulo Betto trata do modo de produção capitalista, sistema econômico sob a qual Marx viveu e concentrou grande parte de suas análises. Essa nova forma de organização social da produção surge com o fim da sociedade feudal e modifica, assim como ocorreu com o surgimento das sociedades anteriores, toda a

infraestrutura econômica e a superestrutura política, jurídica e ideológica da sociedade feudal, como coloca Engels (1988), e Marx e Engels (2010).

Betto aponta, assim como os autores marxistas, que são os trabalhadores que produzem toda a riqueza existente. Porém, este não tem acesso à riqueza que produz, pois, o trabalho e o produto deste, no sistema capitalista, é alienado do trabalhador (MARX, 2010b). A riqueza do capitalista não está exatamente no lucro, mas no mais-valor, que é o trabalho excedente produzido pelos trabalhadores, que é apropriado pelo capitalista.

O que faz com que este modo de produção, mesmo com a exploração e a desigualdade (no livro o autor traz dados importantes que demonstram a desigualdade existente na sociedade capitalista) seja assegurado? Betto diz que além da burguesia controlar a economia, ela controla também a esfera da superestrutura política, jurídica e ideológica, o que dificulta, obviamente, assim como nas sociedades anteriores, a organização daqueles trabalhadores que visam buscar a transformação profunda da sociedade.

Apesar da forte organização da burguesia, houve algumas experiências em que os trabalhadores conseguiram modificar profundamente a sociedade, como Frei Betto demonstra no décimo capítulo: modo de produção socialista. Este modelo de sociedade existiu na União Soviética, durante o século XX, na Albânia, na China, Iugoslávia etc. Na América Latina somente um país passou do modo de produção capitalista para este modo de produção: Cuba.

No décimo primeiro capítulo, do socialismo ao imperialismo, o autor trata da relação de dominação que os países capitalistas tinham com suas colônias que começaram a se revoltar e querer independência, surge então uma nova fase do capitalismo: o imperialismo. Nesta nova fase do capitalismo, a dominação se dá principalmente através da dependência econômica, cuja forma mais sofisticada se dá por meio de multinacionais e do controle da tecnologia que elas exercem.

O autor conclui o livro com um epílogo, intitulado de socialismo real: equívocos e desafios, transcrito a partir do epílogo de outro livro (Paraíso perdido – viagens ao mundo socialista) deste mesmo autor, onde trata das conquistas sociais que os países socialistas obtiveram, mas também trata dos erros e equívocos cometidos nestas experiências.

Em suma, no livro “O marxismo ainda é útil?” Frei Betto faz um passeio na história para demonstrar que a forma como as sociedades produzem aquilo que necessitam para sobreviver, é um determinante fundamental para se compreender estas sociedades, como aponta Novack (2015); e que a atividade humana mais importante é aquela centrada em assegurar os meios de subsistência.

Por fim, esta não se trata de uma obra nos moldes das obras acadêmicas, pois seu objetivo é alcançar os movimentos sociais e as escolas de ensino básico, daí a linguagem acessível. É uma obra introdutória, de fácil assimilação, e como toda obra deste tipo, não se aprofunda na análise, nas explicações detalhadas dos conceitos e dados, porém, demonstra a utilidade do marxismo quando se trata de analisar a realidade material histórica e dialética das sociedades.

Referências

FRIEDRICH, Engels. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. São Paulo: La Fonte, 2017.

FRIEDRICH, Engels. *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. 9. Ed. São Paulo: Global Editora, 1988.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MARX, Karl; FRIEDRICH, Engels. *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010b.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. *Economia política uma introdução crítica*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

NOVACK, George. *As origens do materialismo*. São Paulo: Sudermann, 2015.

Sobre os autores

Leonardo Figueiredo

Graduado em Ciências Sociais pela Faculdade de Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará (FACS/UFPA).

Marlon Kauã Silva Cardoso

Mestrando em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Pará.

Contribuição de coautoria: leu a obra e debateu com o autor, revisou o texto escrito e contribuiu na escrita.

